



CONHECENDO O INIMIGO INTERNO

A TÁTICA DAS "FRENTES"

A. De Lannes

"Toda a história do bolchevismo, antes e depois da Revolução de Outubro, está cheia de casos de manobras, de acordos e de compromissos com outros partidos, sem exceção os partidos burgueses."

LÊNIN — 1920

AS ORIGENS

A composição de forças para conquistar o poder foi um problema que surgiu praticamente, desde a primeira experiência vitoriosa do movimento revolucionário marxista-leninista.

Os comunistas não venceram na RÚSSIA mediante uma atuação isolada. Compuseram forças e aproveitaram muito bem, no interesse exclusivo do seu programa, a tática das alianças e dos compromissos ocasionais.

A habilidade política de LÊNIN e a sua manifesta falta de escrúpulos contribuíram decisivamente para que os comunistas consolidassem a vitória do golpe de outubro de 1917, apesar de contarem com forças políticas minoritárias. Conseguiram formar um grupo audacioso e fanático que, segundo seu próprio líder, uniu-se sob uma "disciplina férrea" e manteve-se no poder ante todas as expectativas contrárias. Em cinco anos, a RÚSSIA foi varrida por uma terrível guerra civil que causou a morte de milhões de pessoas, e o comunismo espalhou-se pelo mundo, como a maior praga do século XX.

Confirmava-se a ameaça de MARX, contida no manifesto de 1848: "Um novo espectro ronda a EUROPA, o espectro do comunismo".

No I Congresso dos Soviètes de toda a RÚSSIA, realizado em junho de 1917, os bolcheviques não tinham mais do que 13% dos votos. A maioria pertencia aos mencheviques e aos sociais-revolucionários.

Em julho do mesmo ano, o Partido Bolchevique tinha apenas 240.000 membros e, em outubro, eles não atingiam a 270.000 em toda a RÚSSIA.

No II Congresso dos Soviètes, realizado pouco antes do golpe de outubro, os bolcheviques conseguiram 51% dos votos.

Nas eleições para a Constituinte Russa em novembro de 1917, poucos dias depois do golpe, os bolcheviques tiveram 25% dos votos. Os partidos dos proprietários rurais e da burguesia receberam 13%. Aos sociais-revolucionários e mencheviques, ligados a outros pequenos grupos, foram destinados 62%, o que lhes permitia manter sobre os seus adversários, a folgada maioria que haviam obtido, inicialmente, no I Congresso dos Soviètes.

Em 5 de janeiro de 1918, a Constituinte foi extinta por uma manobra dos bolcheviques, e os Soviètes assumiram todo o poder, em definitivo.

Fonte: LÊNIN — La Enfermedad Infantil Del "Izquierdismo" en el Comunismo. AKAL-MADRID

LÊNIN defendia duas teses que considerava muito importantes dentro da tática político-revolucionária: aproveitar todas as formas de luta legais ou ilegais e realizar todas as manobras possíveis em benefício da "revolução". Em 1920, dirigindo-se aos comunistas da EUROPA, particularmente alemães e ingleses, que defendiam uma atuação isolada visando manter a "pureza" do processo revolucionário, declarou serem "maus revolucionários" aqueles que não sabiam combinar todas as formas de luta, e enfatizou a necessidade de unir a fidelidade das idéias comunistas com a arte de realizar "compromissos práticos". Aos radicais de esquerda, LÊNIN ironizou, dizendo que "estavam com todos os sintomas da enfermidade infantil do esquerdismo".

Toda a concepção leninista de luta política está contida nessas idéias. Tudo será válido, desde que favoreça à ação revolucionária comunista. Não há limitações de espécie alguma.

Durante o ano de 1917, os bolcheviques manobram com extremo cuidado, para não "espantar a caça" e evitar outro fracasso — nem sempre admitido — como o de 1905. Concorde em participar dos soviètes, sem dirigi-los inicialmente. Aceitaram ir às eleições para a Constituinte, mesmo sabendo que não teriam maioria. Instigaram os mencheviques e os sociais-revolucionários — que eram majoritários no I Congresso dos Soviètes — para que tomassem o poder em suas mãos. Quando conseguiram a força necessária, derrubaram os outros grupos, assumiram o poder e deixaram que as eleições para a Constituinte fossem realizadas. Dois meses depois, extinguiram-na e sepultaram definitivamente a melancólica experiência democrática de KERENSKY. É oportuno ressaltar que os comunistas

russos, liderados por LÊNIN, lutaram incessantemente, desde 1902, pela convocação de "eleições livres, gerais e secretas", para eleger uma Constituinte . . .

LÊNIN chamou a atenção dos comunistas de outros países, no sentido de que absorvessem o modelo soviético e abandonassem os "processos ultrapassados" do "revolucionarismo pequeno-burguês", razão principal do fracasso de tentativas comunizantes em outras ocasiões.

A arte do político — dizia ele — consiste, precisamente, em saber apreciar com exatidão, as condições e o momento em que a vanguarda do proletariado (PC) pode tomar vitoriosamente o poder *para não perdê-lo mais*, bem como, em unir amplas massas, inclusive as *não-proletárias*, ao redor do Partido.

A participação dos comunistas na vida política de um país "reacionário", ainda que não implicasse em compromissos com a manutenção do regime, exigia um mínimo de comportamento para evitar complicações com a justiça e a polícia — duas obsessões dos marxistas-leninistas. Por isso, aconselhava que os PCs se abstivessem de determinadas "práticas radicais", como o terror individual ou coletivo. Mas, ao condenar o terrorismo, LÊNIN fazia a seguinte ressalva: "Nós condenamos o terror unicamente por motivos de conveniência, porém, as pessoas capazes de *condenar por princípio*, o terror da Grande Revolução Francesa ou, em geral, o terror exercido por um partido revolucionário vitorioso, assediado pela burguesia de todo o mundo, essas pessoas, foram condenadas ao ridículo e ao opróbrio".

Ao defender a participação política em qualquer parlamento, congresso ou sindicato, por mais "reacionários" que fossem, LÊNIN confessou que a dissolução da Constituinte Russa foi enormemente facilitada, pela existência de uma bancada bolchevique, ali infiltrada ardilosamente, e que executou com maestria, a manobra de destruir a instituição parlamentar de dentro para fora.

A PRÁTICA

Em 1923, o búlgaro JORGE DIMITROV — que foi um dos mentores políticos de PRESTES em MOSCOU — iniciou a pregação em favor da FRENTE, afirmando que a idéia já "havia ultrapassado a fase das explicações teóricas e da propaganda política, entrando na fase da aplicação prática".

A principal motivação para constituir uma FRENTE àquela ocasião era a necessidade de enfrentar uma pretensa "política ofensiva do capitalismo". Ainda que se dirigisse prioritariamente ao seu país, DIMITROV cumpria a sua missão de difundir a tática político-subversiva que LÊNIN sugerira, com tanto vigor, três anos antes.

As razões de uma FRENTE serão sempre procuradas em face da situação do país, selecionando anseios e aspirações da nação ou fazendo crer, através de intensa propaganda, que determinadas idéias ou posições políticas representam os reais anseios e as principais aspirações nacionais. Com essa manipulação, pretendem sensibilizar grupos políticos e outros setores da nação — particularmente se

estiverem infiltrados — para jogá-los, no momento preciso, contra o governo e o regime a que pretendem destruir.

Para viabilizar esses acordos, os comunistas empregam uma atitude simplista: a fixação do “programa mínimo”. O que lhes interessa é encontrar pontos capazes de unir grupos e compor forças. Ao mesmo tempo, advertem que os objetivos e reivindicações máximas dos partidos não podem ser de tal índole que tornem impossível uma luta em comum. Isto é, eles deixam bem claro que a FRENTE é para começar a luta, não para terminá-la. Por outro lado, causa certo espanto, o fato de que determinados grupos, cujos interesses, já não diremos convicções, sendo absolutamente incompatíveis com os dos comunistas, apressem-se em aceitar tais condições. Esperteza ou fatalismo?

Os comunistas não cansam de dizer que a política da FRENTE não significa o abandono dos princípios, nem tampouco, a perda da fisionomia e da independência de seu Partido. Assim, os objetivos de uma FRENTE serão tão mais curtos quanto mais heterogêneos forem os seus componentes. Durante seu “avanço”, é comum haver uma reorganização da FRENTE e, geralmente, ela vai expelindo aqueles grupos ou indivíduos que, discordando da orientação seguida, não têm condições de impedir a sua marcha e não têm para quem apelar, pois, o regime já estará em decomposição, por ação da própria FRENTE.

É por demais conhecido o pensamento dos comunistas a respeito dos sistemas econômicos impostos à qualquer nação que caia em suas mãos. Segundo MARX, a economia é a razão de todas as coisas e, portanto, os comunistas não podem — e não querem — abrir mão da receita estatal que trazem consigo, como forma de dominar os outros campos do Poder Nacional. Para se avaliar a “flexibilidade” e a pouca importância que conferem aos acordos que fazem, pedimos paciência ao leitor que atente por mais essa afirmação dialética de DIMITROV: “Não é possível que os grupos deixem de unir-se aos comunistas face a divergências de pouca importância, como por exemplo, a socialização da propriedade ou as futuras formas de governo popular”. Ora, a socialização da economia à moda comunista e as futuras formas de governo popular, não têm importância! Então, a organização e o futuro do indivíduo e da nação, não representam coisas preocupantes? E há gente bastante ingênua, fora dos quadros comunistas, para engolir isto em seco.

Defendendo há sessenta anos a tática das FRENTEs, os comunistas deixaram sempre bem claro que essa ação política não implica em abdicar da luta de classes. FRENTE e colaboração entre as classes são coisas absolutamente incompatíveis e repelem-se mutuamente. Deste modo, fica bem claro que ao incorporar-se numa FRENTE, qualquer grupo não-comunista nada tem a receber, só a dar. A FRENTE é avenida de mão única, no sentido favorável aos comunistas.

Podemos constatar com facilidade, se quisermos, que a FRENTE tem o escopo de unir forças “operárias” e de outros setores da nação, em “defesa” das posições que — segundo os seus promotores — *serão idênticas em determinados momentos*. Não assegura, a não ser aos comunistas, o prosseguimento das ações políticas. Por outro lado, o Partido exige que os grupos dispostos a colaborar com a

FRENTE, rompem as suas relações com o governo e renunciem a qualquer tipo de colaboração com o regime.

Com a finalidade de tornar prática a ação política imaginada, procuram usar, não só os partidos políticos e as associações de classe, como também, estendem a sua ação a todo e qualquer grupo existente no país, inclusive religioso — por mais que repugne aos comunistas aproximarem-se de uma religião — e, ainda, procuram criar associações, comitês, movimentos e outras organizações de massa, capazes de repetir — sem refletir — as palavras de ordem, cuidadosamente elaboradas e disseminadas, através da propaganda distorcida, por todos os meios de comunicação social ao seu alcance.

A ação subversiva dos comunistas, ao longo de sua própria história, tem resultado em vitórias e fracassos. A constante pregação que fazem, no intuito de continuar expandindo o mundo comunista, está repleta de falácias e armadilhas mais ou menos disfarçadas. Declaram ser defensores da "democracia soviética", mas estarão prontos para defender as "liberdades democráticas" nos países capitalistas, desde que este seja o interesse do proletariado.

Na ocasião em que a IC oficializava a política da FRENTE, DIMITROV teve oportunidade de definir o que entendia por "garantir as liberdades democrático-burguesas" ao justificar — censurando — porque os nazistas haviam vencido na ALEMANHA. Disse ele: "Os sociais-democratas que estavam no governo da PRÚSSIA, deviam ter sido obrigados a tomar as medidas de defesa contra o fascismo, prender seus chefes, suprimir sua imprensa, confiscar seus bens e os recursos dos capitalistas que subvencionavam o movimento fascista, dissolver as organizações fascistas e desarmá-los". (JORGE DIMITROV — *El Frente Único y Popular* — SOFIA PRESS — 1969 — Pág. 127.) Não seria essa, uma boa receita, para impedir que os comunistas façam o mesmo que os seus iguais?

A FRENTE MUNDIAL

Os bolcheviques russos, crentes dos postulados doutrinários do marxismo-leninismo e influenciados pelo messianismo herdado dos eslavos, durante algum tempo, acreditaram que a maior tarefa dos comunistas era realizar a Revolução Mundial.

À proporção que tal pensamento foi entrando em choque com os objetivos nacionais do Estado Soviético, ele foi sendo alterado.

Já em 1918, quando BUKHARIN reagiu contra o Tratado de BREST-LITOVSK, que ele considerava uma traição aos operários alemães que lutavam contra o KAISER, LÊNIN respondeu: "Desde a hora da vitória de um grupo socialista em qualquer país, as questões devem ser decididas exclusivamente do ponto de vista das melhores condições para o desenvolvimento e fortalecimento da Revolução Socialista que já tenha começado". Em 1918, acrescentamos, só havia começado a revolução comunista na RÚSSIA...

Essa tendência ficou mais nítida quando STALIN, no estrito interesse da RÚSSIA, formalizou a "Doutrina do Socialismo em um só País". Isto é, face aos interesses da RÚSSIA, a "revolução mundial" tinha sido adiada provisoriamente. O surgimento do nazi-fascismo começava a preocupar STALIN e ele não abria outras frentes importantes de luta, para as quais não estava preparado. A RÚSSIA fora derrotada na Primeira Guerra Mundial e saíra recentemente de uma longa guerra civil. Por outro lado, por mais que "as forças progressistas" de outros países desajassem seguir o exemplo bolchevique, STALIN pressentia que poderia precisar — como de fato ocorreu — do auxílio dos países capitalistas.

A Segunda Guerra Mundial foi a oportunidade que os comunistas aproveitaram para participar, ao lado dos países democráticos, de uma verdadeira FRENTE MUNDIAL, contra o inimigo comum.

A propaganda de guerra favoreceu à imagem dos comunistas e o Movimento Comunista Internacional (MCI) escondeu as suas garras. Aproveitou a situação na EUROPA e fortaleceu as suas posições políticas. Partindo dos Movimentos de Resistência contra as invasões e ocupações alemãs, reagiu contra o EIXO — depois que foi rompido o Pacto Russo-Germânico — e conseguiu montar um dispositivo político baseado na idéia da FRENTE. Ao final da guerra, ocupou o poder em toda a EUROPA ORIENTAL. As Frentes Unidas, Patrióticas, Únicas e Populares, segmentos da FRENTE MUNDIAL cumpriram o seu papel, escoltadas pelo Exército Vermelho.

A trégua conseguida com a "Doutrina do Socialismo em um só País" e a vantagem que os russos obtiveram na condição de "aliados" criaram condições favoráveis para a expansão comunista e demonstrou que, sob o ponto de vista dos objetivos soviéticos, STALIN estava certo e os ALIADOS enganados. Os povos da EUROPA ORIENTAL não recuperaram a sua liberdade após a vitória.

A FRENTE NO BRASIL

O Partido Comunista surgiu no BRASIL em 1922 e, ao final daquela década, já experimentava as primeiras tentativas de atuar em coalizão com outros grupos não-comunistas. Foi quando apareceu o BLOCO OPERÁRIO (BO), logo rebatizado como BLOCO OPERÁRIO CAMPONÊS (BOC), que disputou eleições no RIO DE JANEIRO, conseguiu um relativo sucesso e elegeu dois vereadores e um deputado federal. A linha política adotada pelo VI Congresso da IC em 1928, determinando o isolamento dos comunistas face aos movimentos "burgueses reformistas", enfraqueceu essa aliança e provocou uma cisão no PC, em razão do inconformismo de alguns membros do setor sindical do Partido.

A mudança de orientação, determinada em 1935, conduziu os comunistas para a formação da ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA (ANL), responsável pelo episódio traiçoeiro da Intentona Comunista que sacrificou inúmeros brasileiros, militares e civis, alguns assassinados enquanto dormiam, ao gosto e ao método dos bolcheviques.

Aproveitando a redemocratização do BRASIL, em 1945, e beneficiados com o clima "liberal" do pós-guerra, os comunistas voltaram à legalidade. Disputaram as eleições isoladamente, mas, pouco antes, tentaram vender a tese da UNIÃO NACIONAL e de uma CONSTITUINTE com GETÚLIO.

Com o endurecimento das relações entre o mundo ocidental e a URSS devido a "guerra fria", o PC, seguindo determinações de MOSCOU, lançou um manifesto em agosto de 1950, propondo a criação de uma FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL, apoiada por um EXÉRCITO POPULAR NACIONAL E REVOLUCIONÁRIO, para tomar o poder pela força nos moldes do golpe de estado bolchevique. Voltava à posição de 35; apesar do BRASIL estar vivendo sob a constituição de 1946, reconhecidamente democrática e, o governo do Marechal DUTRA, recentemente encerrado, haver sido considerado um dos mais liberais que o país já teve. A posição dos comunistas era baseada no propósito de livrar a nação brasileira "dos latifundiários e do imperialismo ianque". A cartilina costumeira é encaixada em qualquer situação.

O receio de um confronto direto com as potências ocidentais levou a URSS — através da política de KRUSCHEV — para a "coexistência pacífica". O XX Congresso do PCUS, encarregou-se de mostrar aos comunistas aquilo que o mundo democrático já sabia sobre STALIN. O PC, dentro de sua conhecida capacidade de atrelar-se às ordens da matriz soviética, adotou a nova orientação, expulsou parte de seu Comitê Central e perdeu alguns de seus mais "ilustres camaradas" que se sentiram desmoralizados ante às denúncias contra o todo-poderoso STALIN.

Os governos de JUSCELINO e GOULART favoreceram às ações dos comunistas que viviam em legalidade consentida, reuniam-se regularmente e dispunham de imprensa própria. Em março de 1964, quando se preparavam para tomar o governo — já que detinham o poder, segundo admitira seu líder — a REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA DE MARÇO DE 1964 barrou-lhes os passos.

Desde então, os comunistas fixaram-se na "criação" de uma FRENTE que anteriormente chamar-se-ia "Patriótica Antiimperialista" e, que agora, a dialética marxista modificou para "Patriótica Antifascista". Há 14 anos procuram envolver vários setores da nação nesta conspirata.

A *infiltração* é o processo mais comum para se conseguir, com poucos elementos, uma influência decisiva nesses setores nacionais. Aos participantes do VII Congresso da IC, DIMITROV falou sob aplausos: "Recordai, camaradas, a antiga lenda da conquista de TRÓIA. A mim me parece que nós, os trabalhadores revolucionários, não devemos vacilar em empregar a mesma tática contra nossos inimigos fascistas". (Ob. cit. Pág. 157.) É bom lembrar que "fascistas" para os comunistas, são todos aqueles que têm posição anticomunista, qualquer que seja a razão desta.

Pretendem derrubar o regime a qualquer preço e o instrumento considerado adequado, segundo os ensinamentos marxistas-leninistas, é a tal FRENTE.

Com o mesmo cinismo de LÊNIN, a mesma argumentação de DIMITROV e lendo a mesma velha e ensebada cartilha dos bolcheviques, procuram agitar bandei-

ras nas quais não acreditam, mas que são caras ao povo brasileiro. Falam em liberdade para destruí-la e, em democracia, para vilipendí-la.

Sem querer superestimá-los, não devemos incorrer no erro de subestimá-los. Como grupo pequeno, mas organizado, fanático e contando com o apoio externo — que nem sempre vem exclusivamente do MCI — os comunistas, conforme JACOB GORENDER disse à Revista Paz e Socialismo em 1963, não devem fazer questão de "dirigir" a FRENTE, nem mesmo fazer parte ostensiva dela, se isso for a melhor tática. O importante, para eles, é unir e instigar os grupos que possam fazer no BRASIL o que os sociais-revolucionários e mencheviques fizeram na Rússia ou os sociais-democratas fizeram na BULGÁRIA e outros estão fazendo na EUROPA. Isto é, funcionar como arietes da subversão, para romper o regime e entregá-lo, depois, aos comunistas.

FRENTE, portanto, é juntar vários grupos, uns por interesse ou ambição, outros por ingenuidade ou burrice e fazê-los trabalhar para os comunistas, que à espreita, aproveitarão o momento para tomar o poder.

FRENTE é um processo onde os comunistas procuram amarrar os demais a determinados compromissos, deixando-os (aos comunistas) livres para contestar os próprios aliados ocasionais.

FRENTE é transformar adversários políticos em inimigos políticos, para levar a nação ao impasse e, desse fato, tirar proveito.

FRENTE é golpe de mestre que os comunistas vêm aplicando há mais de sessenta anos, em quase todos os países do mundo e, com fracassos inevitáveis, quando as forças democráticas negam-se a fazer o papel de instrumentos da traição.

FRENTE é a tática do compromisso sem compromisso, do acordo sem acordo, do trato sem trato. Por certo, ela foi a inspiradora dos sabichões que imaginaram o "conto do vigário"...